

卅

HOWARD JACOBSON

J

Tradução de  
ANA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2015

*Para Jenny: aqui, agora, sempre.*

## ARGUMENTO

# O Lobo e a Tarântula

Um lobo cinzento entabulou conversa com uma tarântula.

— Adoro a caça — disse o lobo cinzento.

— Pois eu — disse a tarântula —, eu gosto de ficar aqui sentada à espera que a minha presa venha até mim.

— Isso não te faz sentir sozinha? — perguntou o lobo.

— Eu também te podia perguntar — respondeu a tarântula — como é que não te cansas de levar sempre a tua mulher e os miúdos em todas as caçadas.

— Sou por temperamento um homem de família — respondeu o lobo. — E, além do mais, a quantidade faz a força.

A tarântula fez uma pausa para esmagar um mico que ia a passar e depois disse duvidar de que o lobo, por mais ajuda que recebesse, alguma vez viesse a ser um caçador tão bem-sucedido como ela. O lobo apostou a caçada de uma semana em como conseguia caçar mais do que a tarântula e, ao regressar ao covil, contou a aposta à mulher e aos filhos.

— Deves-me a nossa aposta — disse ele à tarântula quando se tornaram a encontrar.

— E onde está a prova?

— Bem, espero que confies na minha palavra, mas, se não confias, vai ver a selva com os teus próprios olhos.

Foi o que fez a tarântula e descobriu efetivamente que, de todas as presas naturais do lobo, não sobrava uma única criatura.

— Saúdo a tua eficácia — disse a tarântula —, mas ocorre-me perguntar o que vais fazer agora para te alimentares.

E o lobo cinzento desfez-se em lágrimas.

— Tive de comer a minha mulher — admitiu ele. — E na próxima semana vou começar com os meus filhos.

— E depois disso?

— Depois disso? Depois disso não terei alternativa senão comer-me a mim próprio.

Moral da história: Deixar sempre um bocadinho no prato.

# LIVRO UM

UM

## O Grande Se

i

As manhãs não eram agradáveis para nenhum dos dois.

— Cá vamos nós outra vez — disse Ailinn Solomons para consigo.

Rodou as pernas para fora da cama e olhou para os pés. Já não gostava deles antes do insulto de Kevern. O peito do pé largo. Os dedos atarracados de escaravelho, que mais pareciam polegares, todos do mesmo tamanho. Gostava de ter tido dedos em forma de flauta de Pã, dotados de uma gradação perfeita, musicais, do género a que um deus silvano podia encostar os seus lábios. Enfiou-os nas pantufas e depois tornou a tirá-los de lá. Se elas tinham algum efeito, era o de piorar ainda mais a sua aparência. Pés de *hausfrau*. Os mesmos pés sem graça de sempre, que a levavam por aquela mesma vida sem graça de sempre. Não era de admirar, deu por si a pensar... mas não foi capaz de concluir o pensamento. Não era de admirar o quê?

A verdade é que não havia muito de «aquela mesma de sempre» na sua vida, tirando o hábito de pensar que sim. Segundo qualquer bitola objetiva — e ela conseguia ver objetividade, só que fora do seu alcance —, ela estava a viver uma vida aventureira. Mudara-se há pouco tempo para uma casa nova. Na companhia de uma amiga nova. Numa cidade nova. Comprara roupa para a mudança. Uns óculos de sol novos. Uma mala nova. Verniz novo. Até as pantufas eram novas. A casa, embora nova para ela, não era nova em si. Transmitia uma sensação eclesiástica furtiva, de que Ailinn tinha razões para não gostar, como se um abade de má fama ou um padre perseguido — um pastor demasiado austero para com a sua congregação, ou um

padre demasiado carnal para a sua — se tivesse refugiado ali e acabado por esquecer do que se escondia. Ali permanecera solidamente na sua humidade, naquele vale gotejante, a cheirar a alho-silvestre e tojo molhado, durante séculos. Nem a luz da esperança nem a da desilusão atravessavam as janelas pequenas e baixas, tão fundas no vale. Diferia a expectativa — era o melhor que se podia dizer acerca dela. Fosse quem fosse que ali vivera antes dela, e à semelhança da vegetação, não tinha sido nem feliz nem infeliz. Mas embora as associações da casa deixassem Ailinn tolhida, não deixava de ser uma melhoria face ao quadrado ladrilhado de cimento às pintas onde crescera mais recentemente, com a sua vista, que não era vista nenhuma, para um estuário aluvial — a monótona corrente de Norte escorria para ali, vinda de nenhures em direção a lugar nenhum —, e a companhia dos pais, que tinham os nervos à flor da pele e afinal nem sequer eram seus pais.

E — *e* — conhecera um homem. Aquele que lhe insultara os pés.

É verdade que não era nenhum deus silvano, e não lhe teria levado os pés aos lábios mesmo que fosse, mas não havia consolo para o facto de provavelmente o ter perdido. Era — tinha sido — promissor.

Quanto ao resto — incluindo a nova amiga, que era muito mais velha do que ela e mais uma espécie de tutora (engraçado como ela atraía tutores) —, encarava tudo como incidentes, uma mudança de disposição da mobília, só isso. Em todos os outros aspetos, continuava a ser ela mesma. Era aí que residia a crueldade das mudanças superficiais: expunham aquilo que nunca pode mudar. Tinha sido melhor ficar onde estava à espera. Enquanto se espera, não se é desiludido. Eu estava bem quando me sentia em suspenso, pensou. Mas isso também não era verdade. Ela nunca estivera bem.

Periodicamente, o seu coração palpitava. Arritmia, chamara-lhe o médico. «Não há razão para se preocupar», disse ele quando chegaram os exames. Ela riu-se. Claro que não havia razão para se preocupar. A vida não tinha razão para se preocupar. No sítio de onde ela vinha dizia-se que o coração palpitava quando morria uma pessoa de quem gostávamos.



— E se não se gostar de ninguém? — perguntara ela à mãe adotiva.

— Então é o aniversário da morte de alguém de quem se gostou numa vida anterior — respondera a mulher mais velha.

Como se ela não fosse já suficientemente mórbida sem ter de ouvir disparates daqueles.

Não sabia quem eram os pais verdadeiros e não recordava muita coisa da vida anterior aos pais falsos a terem escolhido no orfanato como quem escolhe uma laranja, tirando o facto de se sentir pouquíssimo como imaginava que se devia sentir uma menina pequena. Hoje, independentemente daquilo de que se lembrava ou não, parecia aos seus próprios olhos mais velha do que os seus vinte e cinco anos. E que tal vinte e cinco séculos? E que tal vinte e cinco milénios? «Não exageres, Ailinn», sempre lhe disseram. (Vinte e cinco milénios?) Mas não era ela que exagerava, eram eles que reduziam. A cabeça dela era como um estúdio insonorizado. Se se concentrasse muito e demoradamente, pensava ela por vezes, ouviria a grande cisão do gelo e os primeiros mamutes lanosos a descerem bambolean-do-se desde a Ásia Central. Talvez todas as pessoas — até mesmo os abreviadores e os condensadores — conseguissem fazê-lo, mas mostrassem constrangimento em falar disso. A menos que uma infância passada na companhia dos pais verdadeiros lhes tivesse enchido a cabeça de sensações mais imediatas e, sim, triviais. O nosso nascimento não passa de um sono e de um esquecimento — quem foi que disse?

Ah! — não se lembrava.

Era bom que fosse difícil encontrar livros de história, que os diários fossem escondidos ou destruídos e que as bibliotecas colocassem suaves obstáculos ao processo de pesquisa, caso contrário ela podia ter decidido vasculhar o passado e viver a sua vida para trás. Quanto mais não fosse para descobrir por quem palpitava periodicamente o seu coração.

Um velho caracol encharcado apareceu vindo de debaixo da cama, a arrastar atrás de si uma viscosidade de clara de ovo. Tudo o que ela podia fazer era não o esmagar com os seus pés descalços e feios.

Antes de arriscar pôr o nariz fora da sua casa térrea pela manhã, Kevern «Coco» Cohen aumentou o volume do televisor, serviu chá — com o cuidado de colocar descuidadamente a chávena na mesa da entrada — e foi espreitar duas vezes para ter a certeza de que o telefone de serviço estava ligado e a emitir a sua luz. O telefone de serviço era um aparelho exclusivamente para fazer e receber chamadas locais — todos os outros meios de comunicação eletrónica tinham sido desligados depois de *AQUILO QUE ACONTECEU, SE É QUE ACONTECEU*, para cuja rápida escalada de violência se julga terem contribuído os meios de comunicação — e emitia a sua luz amarela malárica até que alguém telefonasse, depois lampejava um vermelho vivo. Mas raramente tocava. Também a ele o deixou na mesa da entrada. Depois enrugou a passadeira de seda chinesa do corredor — uma relíquia de família — com o sapato.

O seu gesto não tinha uma intenção comemorativa, mas lembrava-lhe muitas vezes uma cruel noite de luar de há muitos anos, em que, depois de um dia por alguma razão tenso — preocupações de dinheiro ou de doença ou notícias que o pequeno Kevern constatava que deviam ter sido muito más —, o seu sarcástico e estridente pai deu um pontapé na passadeira atirando-a para o lado, levantou a bainha do robe brocado e pôs-se a dançar um furioso arrastar de pés macios, os braços e as pernas subindo e descendo em uníssonos como os de um esqueleto de brincar num pau. Não sabia que o filho estava nas escadas, a ver.

Kevern avançou para a escuridão das escadas. Tornou-se uma sombra. Estava demasiado assustado para dizer fosse o que fosse. O pai não era homem de danças. Deixou-se ficar muito quieto, mas a casa batucava à mínima ansiedade dos seus ocupantes — sentia o sono inquieto dos pais através do soalho por baixo da cama, embora dormisse num quarto por cima do deles — e a perturbação que o seu medo agora gerava denunciava a sua presença.

— Sammy Davis Junior — explicou desajeitadamente o pai quando o viu. Tinha a voz rouca e seca, um chocalho que lhe saía dos pulmões destruídos. Como falava com uma pronúncia que até Kevern achava estranha, como se nunca tivesse de facto ouvido como falam as pessoas em Port Reuben, proferiu as palavras com relutância. Levou dois dedos aos lábios, como um vagabundo a puxar uma beata que tivesse encontrado num caixote do lixo. Fazia sempre isso para reprimir a letra *þ* antes que ela lhe deixasse os lábios.

O rapaz não ficou mais elucidado.

— Sammy Davis ‡unior?

Também ele, religiosamente na presença do pai — e muitas vezes até quando o pai não estava —, selava os lábios contra a letra ‡ quando ela começava uma palavra. Não sabia porquê. Começara como uma brincadeira entre eles quando era pequeno. O pai contou-lhe que também o fizera com o seu pai. Começar uma palavra por ‡ sem se lembrar de levar dois dedos aos lábios custava um *penny*. Não tinha muita piada na altura, e não tinha muita piada agora. Sabia que se esperava aquilo de si, só isso. Mas porque estava o pai a ser Sammy Davis ‡unior, fosse lá quem fosse o Sammy Davis ‡unior?

— Um homem da música e da dança — disse o pai. — O senhor Bo ‡angles. Não, nunca ouviste falar dele.

Dele? De qual? Do Sammy Davis ‡unior ou do senhor Bo ‡angles?

Em qualquer dos casos, parecia mais um aviso do que uma afirmação. *Se te perguntarem, nunca ouviste falar dele. Percebeste?* A infância de Kevern tinha sido recheada de avisos desses. Cada um deles proferido numa língua semiestrangeira. Não sabes, não viste, não ouviste falar. Quando os professores faziam perguntas, a sua mão era a última a levantar-se: dizia que não sabia, que não tinha visto, que não tinha ouvido falar. Havia segurança na ignorância. Mas preocupava-o a possibilidade de parecer o pai a falar, ceceando e arrastando as palavras numa língua estrangeira. E por isso falava num sussurro que chamava ainda mais a atenção para a sua peculiaridade.

Naquele caso, o pai não tinha de se preocupar. Kevern não só nunca tinha ouvido falar de Sammy Davis ‡unior, como também nunca tinha ouvido falar de Sammy Davis Senior.

Ailinn não teria dito que não a um pai desses, por mais estranho que fosse o seu comportamento. Ajudava saber, pensava ela, de onde vem a loucura.

Quando Kevern fechou e trancou duplamente a porta da frente, ajoelhou-se e espreitou para dentro da caixa de correio, como imaginou que faria um ladrão ou intruso. Ouvia o televisor e sentia o aroma do chá. Via o telefone com a sua pulsante e silenciosa luz amarela, como se estivesse a fazer diálise, na mesa da entrada. A passadeira

de seda, reparou com satisfação, bem podia ter sido pisada por uma casa cheia de miúdos pequenos. Nenhum homem no seu juízo perfeito sairia de casa sem compor a passadeira ao sair.

Tinha um motivo secundário para amarfanhar a passadeira. Revelava que não tinha qualquer valor para si. A lei — embora não estivesse escrita em lado nenhum; uma maneira melhor de pôr a coisa podia ser referir-se a ela como submissão voluntária a uma restrição, uma conjectura de coerção — permitia um único objeto com mais de cem anos por casa, e Kevern tinha vários. Tratá-los mal, esperava ele, acalmaria as suspeitas.

No limite do alcance da vista a partir da caixa de correio, vislumbrava-se as pontas de uns chinelos de pele gasta. Era evidente que estava em casa, o cismador, provavelmente a acenar à frente do televisor ou a ler o *junk mail* que devia ter sido entregue há escassos minutos e, no entusiasmo de o recuperar, deixara o chá e o telefone de serviço junto da porta. Mas em casa, sim, esparramado, seja qual for outra maneira de descrever o que estava a fazer.

Regressou três vezes à casa térrea, a intervalos de quinze segundos, e espreitou pela caixa de correio para se certificar de que nada se alterara. Em cada uma das vezes, empurrou a mão para o interior para ter a certeza de que a aba não tinha ficado presa no decorrer das suas inspeções — uma rotina que tinha de ser repetida para o caso de o próprio gesto de verificação ter provocado o empenamento da aba —, depois tomou o caminho da falésia e passeou distraidamente em direção ao mar. O mar em que ninguém navegava, exceto uns quantos pescadores da região, porque não levava a lado nenhum — um mar que não se aninhava numa outra margem.

Também ali nada mudara. A falésia continuava a cair abruptamente, em camadas, como um bolo, adquirindo na base um tom roxo profundo, nublado; a água continuava a formar incansavelmente a sua massa, a espumar e fumegar, todos os dias a mesma coisa. A cismar, como Kevern. Mais iradamente, mas sem mais propósito.

Era isso que o mar tinha de fantástico: não tínhamos de nos preocupar com ele. Não ia a lado nenhum e não era nosso. Não estava na posse da nossa família, escondido, há várias gerações. Não nos corria no sangue.

Tinha contudo o seu próprio banco. Não oficialmente. Não tinha o nome assinalado, mas o facto era respeitado pelos moradores de Port Reuben, tal como podiam ter respeitado um muro contra o qual o idiota da vila batia com os tacões. *O Coco senta-se aqui. Aquele pateta.*

Não o consideravam simplório. Quando muito, achavam-no até um pouco esperto de mais. Mas há momentos na história da humanidade em que a simplicidade pode muito bem ser sinónimo de inteligência.

Àquela hora, e especialmente naquela estação do ano, em que era pouco frequente haver pessoas ali a passear, regra geral tinha as falésias e o mar que não ia a lado nenhum só para si. Às vezes, Densdell Kroplik, o seu vizinho mais próximo, aventurava-se para fora da vacaria recuperada a que ele chamava apartamento de solteiro e juntava-se por pouco tempo a Kevern no banco para se queixar, qual profeta sem honra no seu próprio país, da loucura do mundo, do estado calamitoso da vila e, para provar ambos os pontos — dado ele ser um cronista autopublicado dos tempos e daquele lugar —, dos seus números de vendas que caíam a pique. Barbeiro itinerante e morador profissional, fazia o policiamento das falésias e dos bares de Port Reuben, barrando com o olhar o acesso a intrusos, vestia-se como latifundiário, pescador, agricultor ou idiota, dependendo da roupa que estivesse em cima da pilha no chão — às vezes vestia-se como todos estes de uma vez —, interpunha o seu vulto tuberoso entre Port Reuben e a influência exterior. Densdell Kroplik era mais portão do que porteiro. Embora a história, que era mais uma maneira de sobrestimar o passado, fosse desincentivada, lá conseguiu ser o zelador não oficial dos segredos de Port Reuben e o contador das suas histórias, mantendo a narrativa breve e doce — certamente mais breve e mais doce do que a sua conversa, que, especialmente quando cortava cabelos, fervilhava como o mar. Port Reuben, originalmente Ludgvennok, fora em tempos um forte impregnável dos antigos costumes, mas agora não era. PONTO FINAL. Era esta a essência de *História Concisa de Port Reuben*, de Densdell Kroplik, com a adição de uns quantos mapas e desenhos de contorno, feitos pela sua mão, e uma série de notas de rodapé cómicas, que o citavam a si próprio.

Em rigor, nada mais do que um panfleto para visitantes que ele preferia que se mantivessem afastados, *História Concisa de Port Reuben*

estava à venda junto à caixa de todas as lojas turísticas. Os poucos turistas que havia compravam-no juntamente com os doces de *fudge*. Mas, para o seu autor, estava entre a prosperidade e a ruína, e com isto referia-se tanto à da vila como à sua. Verificava as lojas todos os dias para ver quantos tinha vendido, aumentava o *stock* com exemplares assinados que retirava de uma mochila sinistramente bojuda que também continha pentes, tesouras, máquinas de barbear e champôs e condicionadores feitos com uma fórmula secreta da sua autoria, a partir de urze, cardos e flores silvestres que cresciam naquele jardim desalinhado ao cimo da falésia. Carregava-a, com exagerado esforço, como se sacrificasse a própria saúde em prol da humanidade, de loja em loja. Em vez de o deixarem encetar com eles uma conversa sobre vendas, que ele nunca considerava satisfatórias, os lojistas afastavam-se dele, deixando-o colocar todos os panfletos que julgasse apropriados. Uns quantos até lhe compravam exemplares para o calarem. Usavam-nos como presentes de aniversário para familiares de quem não gostavam. Qualquer coisa para não o ter nas respetivas lojas a explodir contra a bastardização dos nosso tempos, a soprar as bochechas agredidas pelo clima, a puxar o lenço às bolinhas que trazia ao pescoço preso com um nó numa raiva cheia de sarcasmo, como se fosse ele a única coisa a manter-lhe a cabeça presa ao corpo.

Nalgumas manhãs, em troca da oportunidade de descarregar, Densdell fazia a barba de graça a Kevern. Temendo pelo seu pescoço — pois tinha a certeza de que Densdell o via como prova incarnada, se não primária, da ruína de Port Reuben —, Kevern fazia sons de assentimento a tudo o que ele dizia. Mas pouco entendia. Uma vez de navalha na mão, Densdell Kroplik desistia de qualquer pretensão de falar uma língua partilhada pelos dois. Caía num dialeto mais antigo e selvagem do que as falésias, tossindo sons como se fossem maldições, usando palavras que Kevern nunca ouvira na vida e que, metade do tempo, estava convicto de não existirem. Em vez de fazer um esforço para decifrar aquilo, concentrava-se na ideia de ter o vento a levantar os pelos invisíveis que Densdell lhe barbeava e a levá-los em espiral para o mar em cachos, como esporos de dentes-de-leão.

O mar reclamando-o para si a pouco e pouco.

Naquela manhã, para alívio de Kevern, Densdell Kroplik não fez a sua aparição, de modo que ele se pôde sentar a afligir-se sem

companhia. Até as próprias gaivotas, ao sentirem o cheiro da sua ansiedade, se mantiveram à distância.

Era um homem alto, magricela, com uma marrafa dourada (embora o cabelo lhe começasse agora a rarear), que se movia como que desculpando-se pela sua estatura. Apesar de toda a sua estranheza, considerava-se que tinha uns olhos bondosos. Descontraiu o corpo no banco e olhou para o céu.

— Cristo Jesus! — exclamou ele mal ficou confortável, pela única razão de opor a sua voz àquelas que ouvia na sua cabeça.

Era melhor uma voz que conseguia controlar do que uma que não conseguia. Não era visionário, mas havia momentos em que confundia o barulho de uma ave marinha ou o riso distante dos pescadores — não tinha qualquer dúvida de que fosse um engano — com um pedido de socorro. «Kevern!», julgava ele ouvir. As duas sílabas pronunciadas com igual falta de ênfase. A voz da sua mãe morta. Em qualquer dos casos, a voz de uma mulher doente. Trémula e ressentida, a ter de se fazer ouvir por cima de uma multiplicidade de gritos invejosos que se atropelavam uns aos outros, desapegada da pessoa a quem tinha pertencido. «Ki-vern!»

Não tinha sido chegado à mãe, calculou portanto tratar-se de um truque provocado pela saudade. Gostava que ela o tivesse chamado.

Reconhecia contudo o perigo de conceder tal primazia à sua imaginação: acaso saberia um dia a diferença se alguém gritasse efetivamente pela sua ajuda?

Não era feliz, mas aceitava que nunca haveria de o ser mais do que ali, na sua infelicidade. O mar confere grandiosidade à pequenez das insatisfações humanas, e Kevern Cohen aceitava a dádiva com gratidão, ciente de que as suas insatisfações não eram maiores do que as da maior parte dos homens — solidão e um sentimento de perder a orientação (ou seria o sentimento de nunca ter tido orientação?) — de meia-idade prematura. Nada mais. À semelhança do seu pai antes de si, e sentira uma ligação mais profunda ao pai do que à mãe, embora isso não fosse dizer grande coisa, ganhava a vida a tornear e entalhar madeira — fusos, balaústres, castiçais, taças, colheres de amor para a indústria do turismo que as vendia em lojas locais —, e tornear madeira era um trabalho repetitivo e entediante. Não tinha familiares

vivos, nem tios, nem sobrinhos, ou primos, o que era invulgar naquela parte do mundo, onde cada pessoa era como um braço ligado a um polvo gigantesco. Kevern não estava ligado a ninguém. Não tinha ninguém a quem amar ou por quem ser amado. Embora tal fosse até certo ponto uma questão ocupacional — tal como a lua, o torneador de madeira gira sozinho —, aceitava que fosse em grande medida uma falha do seu caráter. Estava sozinho porque não recebia nem fazia chamadas do seu telefone utilitário, porque era um amigo negligente e, pior, um amante que facilmente perdia o alento e que refletia demais, e porque tinha quarenta anos.

Apaixonar-se era uma coisa que ele fazia de vez em quando, mas nunca conseguia manter-se apaixonado ou manter uma mulher apaixonada por si. Não acontecia nada de dramático. Não havia quedas do alto de falésias. Comparada com a violência com que outros casais se esfrangalhavam publicamente em Port Reuben, a corte dele — sim, porque raramente passava disso — chegava ao fim com exemplar cortesia de parte a parte. Dissolvia-se, era essa a melhor maneira de o desprever, iam-se afastando gradualmente como uma caixa de cartão deixada à chuva. Só ocasionalmente uma mulher lhe dizia que ele era muito sério, de difícil trato, intenso, desligado e talvez algo ouriçado. E depois dava-lhe um passou-bem. Reconhecia ser ouriçado. Era espinhoso, sim, como um ouriço. A mais recente fatalidade dessa espinhosidade era o embrião de um romance cuja promessa de o aliviar do solitário tédio da sua vida, e talvez até de lhe trazer alguma satisfação, fora maior do que o habitual. Ailinn Solomons era uma beleza de cabelo desgrenhado e trémula delicadeza com um coração palpitante que vinha de uma vila, numa ilha do norte, mais remota e agreste ainda do que Port Reuben. Viera para sul com uma companhia mais velha, que Kevern pressupunha ser a tia, sendo que a esta tinham deixado uma propriedade num vale húmido mas paradisíaco com o ditoso nome de Vale Paraíso.

Ninguém vivia na casa há vários anos. Os canos pingavam, ainda havia aranhas nas casas de banho, as lesmas tinham firmado a sua assinatura em todas as vidraças, convictas de que aquele lugar lhes pertencia, o jardim estava cheio de ervas crescidas que lembravam couves gigantescoas. Era como a casa de uma história infantil, ao mesmo tempo ameaçadora e encantada, o jardim repleto de segredos.



Kevern tinha estado sentado de mãos dadas com Ailinn nas cadeiras de praia partidas nas ervas altas, a aproveitar uma tarde de primavera inesperadamente quente, eles os dois distraídos deixando-se mergulhar na consola utilitária que fornecia ao país uma música relaxante e notícias tranquilas, quando ao olhar para as pernas castanhas e cruzadas se lembrou da velha canção de um artista negro há muito esquecido, que o pai dele gostava de ouvir com as persianas da casa térrea corridas. «Tens os pés muito grandes.»

Graças à agressividade que lhes era inata, já não passavam canções desse tipo na consola. Não tinham sido proibidas — nada era propriamente proibido —, muito simplesmente não eram tocadas. Empurradas para a obsolescência, como a própria palavra obsolescência. O gosto popular fizera aquilo que os decretos e as proibições nunca poderiam ter feito e tal como, no respeitante a livros, as pessoas preferiam autobiografias de coitadinhos que se tornam ricalhaços, livros de culinária e romances cor-de-rosa, no que dizia respeito à música, optavam por baladas.

Deixando-se levar por aquele dia, Kevern começou a tocar um piano imaginário e, com uma voz toscamente cómica, fez uma serenata aos grandes pés de Ailinn.

Ailinn não percebeu.

— Era uma canção conhecida de um pianista de *jazz* chamado Fats Waller — disse-lhe ele, levando automaticamente dois dedos aos lábios.

Teve de lhe explicar o que era *jazz*. Ailinn nunca tinha ouvido falar. O *jazz*, não sendo propriamente proibido, também não era tocado. O improvisado tinha saído de moda. Só havia lugar para um «se» na vida. Quando uma melodia começava, as pessoas queriam saber exatamente como iria acabar. E o mesmo se passava com o engenho. A sua imprevisibilidade punha os nervos das pessoas em franja. E o *jazz* era engenho que se exprimia musicalmente. Embora tivesse chegado aos dez anos sem ter ouvido falar de Sammy Davis Junior, Kevern conhecia o *jazz* da coleção semisecreta de velhos CD do pai. Mas pelo menos não teve de dizer a Ailinn que o Fats Waller era negro. Dada a idade dela, era improvável que se lembrasse de um tempo em que os cantores populares *não fossem* negros. Mais uma vez aqui, sem leis nem coerção. Uma sociedade aquiescente implicava

que todas as suas partes consentiam com gratidão — a gratidão dos que foram poupados pela providência — ao princípio da aptidão do grupo. As pessoas de origem afro-caribenha adequavam-se por temperamento e físico ao mundo do espetáculo e do atletismo, e portanto cantavam e corriam. As pessoas oriundas do subcontinente indiano, dotadas para o eletrónico como que por natureza, tomavam para si a tarefa de assegurar que nenhuma família ficava sem um telefone utilitário que funcionasse. O que restava da comunidade polaca eram canalizadores; o que sobrava dos gregos partiam pratos. Os que vinham dos Estados do Golfo e do levante, cujos avós não tinham deixado apressadamente o país enquanto decorria *AQUILO QUE ACONTECEU, SE É QUE ACONTECEU* — com medo de serem acusados de terem atizado o lume, com medo, efetivamente, de serem os próximos consumidos pelo lume — abriram restaurantes de *labneh* e de narguilé, baixaram a cabeça e começaram a ficar deprimidos com o ócio. A cada qual segundo as suas capacidades.

Como só tinha ouvido baladas, Ailinn tinha dificuldade em compreender como podiam as palavras insultuosas que Kevern acabara de lhe cantar alguma vez ter sido usadas em música. A música era a expressão do amor.

— Não são realmente insultuosas — disse Kevern. — Exceto, talvez, para as pessoas que têm os pés muito grandes. O meu pai nunca insultou ninguém, mas deliciava-se com esta canção.

Estava a falar demais, mas a negligência do jardim dava a ilusão de segurança. Nenhuma palavra poderia ultrapassar as insonorizadas folhas gigantescas que pareciam de couves.

Ailinn continuava sem perceber.

— Porque é que o teu pai haveria de gostar de uma coisa dessas?

Querida dizer-lhe que aquilo era só um jogo de palavras, mas tinha relutância em levar novamente, na companhia dela, dois dedos aos lábios. Ela já o achava estranho.

— Ele achava-lhe graça — foi o que disse.

Ela abanou a cabeça, incrédula, encobrindo a visão de Kevern. Não havia nada para ver em todo o vasto mundo a não ser aquele seu palheiro de cabelo preto. Não havia mais nada que ele quisesse ver.

— Se o dizes — disse ela, nada convencida. — Mas continua sem explicar porque me estás a cantar isso. — Parecia genuinamente angustiada. — Os *meus* pés são muito grandes?

Ele tornou a olhar.

— Especificamente os pés, não. Os tornozelos talvez um pouco...

— E dizes que me odeias porque tenho os tornozelos muito grossos?

— Eu odeio-te? É claro que eu não te odeio. É só uma canção parva.

Podia ter dito «Amo-te», mas ainda era muito cedo para o fazer. Em vez disso, tentou:

— Os teus tornozelos grossos são a razão por que me sinto atraído por ti. Sou perverso a esse ponto.

Saiu-lhe mal. A sua intenção era ser engraçado. Querer ser engraçado deixava-o muitas vezes em maus lençóis porque, à semelhança do seu pai, carecia do encanto tranquilizador necessário para suavizar a crueldade que se insinuava nas piadas. Talvez o pai quisesse ser cruel. Talvez ele, Kevern, o quisesse. Apesar dos seus olhos bondosos.

Ailinn Solomons corou e levantou-se da sua cadeira de praia, deitando abaixo a consola e entornando o vinho que tinham estado a beber.

Vinho de flor de sabugueiro, portanto a bebida não lhe servia de desculpa.

Ela parecia tremer na sua agitação, como as frondas de uma palmeira na tempestade.

— E a tua cabeça dura é a razão por que me sinto perversamente atraída por ti — disse ela... — Só que não sinto.

Ele teve pena dela, tanto por causa da desnecessária antipatia das suas próprias palavras como do medo nos olhos dela quando o enfrentou. Achou que ele lhe ia bater?

Ela não lhe falara de como era a vida no frio arquipélago do Norte onde fora criada, mas ele não duvidava de que seria no essencial semelhante à dali. O mesmo oceano vasto e gelado vinha rebentar junto dos dois. Os mesmos homens aturdidos, ainda mais melindrosos e rabugentos no rescaldo de AQUILO QUE ACONTECEU do que

os seus antepassados contrabandistas e comerciantes de salvados tinham sido, iam raivosamente de bar em bar, prontos a levantar a mão a qualquer mulher que ousasse negar-se-lhes ou fazer pouco deles. *Cabeça dura?* Se ela não tivesse cuidado, mostravam-lhe um punho duro! Primeiro um beijo feroz — esta tornara-se a expressão mais comum de irritação erótica entre homens e mulheres: um antídoto contra as baladas de amor insípidas que saíam da consola —, primeiro um beijo feroz e depois davam-lhe uma estalada. Um requinte desnecessário aos olhos de Kevern, dado que os beijos ferozes eram em si mesmos um ato de violência.

Ailinn Solomons fez um sinal com o corpo para que ele se fosse embora. Ele levantou-se da cadeira de praia como um velho. Também ela se sentia pesada, mas o fardo da dor dele surpreendeu-a. Aquilo não era o fim do mundo. Eles mal se conheciam.

Ficou a vê-lo ir-se embora — tal como, de uma janela mais acima, a sua companheira o viu, um homem agora pesado graças ao que ele próprio chamou sobre si. Adão a abandonar o jardim, pensou ela.

Sentiu uma pontada por ele e pelos homens em geral, independentemente de alguns lhe terem levantado a mão. Um homem afastava-se dela, de costas vergadas, envergonhado, derrotado, esvaziado de toda a luta — porque achava que conhecia tão bem aquela imagem, se não se lembrava de uma única vez, até àquele dia, a ter visto?

Novamente sozinha, Ailinn Solomons olhou para os pés.

## ii

Uns vinte anos antes dos acontecimentos acima relatados, Esme Nussbaum, uma investigadora inteligente e entusiasta de trinta e dois anos que trabalhava no *D'Hoje*, o monitor oficioso do Humor Público, preparou uma pequena palestra sobre os níveis baixos e médios de violência continuada precisamente nas regiões do país onde a sua redução, se não mesmo o seu fim, mais se esperara, tendo em conta o dinheiro e a energia gastos a erradicá-la.